

“Eu posso terminar alguma frase...?” A opressão de gênero na condução de uma entrevista televisiva

“Can I finish some sentence ...?”: Gender oppression in the conducting a television interview

“¿Yo puedo terminar alguna frase...?” La opresión de género en la conducción de una entrevista televisiva

Marlete Sandra Diedrich (UFP)

marlete@upf.br

João Ricardo Fagundes dos Santos

115713@upf.br

Resumo

Neste trabalho, a partir das concepções da Linguística Interacional, tem-se por objetivo ampliar a compreensão do fenômeno da opressão social de gênero marcada na interação por meio de estratégias discursivas de gerenciamento de turnos e tópicos na conversação. Dessa forma, o tema deste artigo é a gestão de turnos e tópicos conversacionais como estratégia interacional de opressão social de gênero em uma entrevista televisiva. Como percurso metodológico, são analisados dois fatores importantes da interação conversacional: a maneira por meio da qual os interlocutores gerem a alternância dos turnos de fala e a forma como é manipulada a escolha e a manutenção do tópico discursivo, o que envolve fatores linguísticos e paralinguísticos. Os interlocutores envolvidos na interação em questão vivenciam determinadas particularidades na condução da conversação, as quais privilegiam a manifestação discursiva masculina em detrimento da manifestação feminina, mesmo sendo esta advinda da entrevistada convidada ao programa. É possível concluir com a análise que há relações de poder totalitário e homogeneizante atribuídas socialmente ao homem sobre a figura feminina e que essas relações, abusivas, são projetadas na condução da conversação que caracteriza a entrevista, o que configura um uso da língua em interação de caráter opressor em relação ao gênero feminino e envolve uma atitude de resistência da mulher na simples apropriação e condução da palavra em interação.

Palavras-chave: interação conversacional, conversação, turnos de fala, entrevista.

Abstract

In this paper, based on the concepts of Interactional Linguistics, the objective is to broaden the understanding of gender social oppression, marked in interaction through discursive strategies of shift management conversational topics and conversational turns. Thus, the theme of this paper is the management of turns and topics, in conversation, as an interactional strategy of gender social oppression, in a television interview. As a methodological path, two important factors of conversational interaction are analyzed: the way in which the interlocutors manage the alternation of speech turns and manipulate the choice and maintenance of the discursive topic, which involves linguistic and paralinguistic factors. The interlocutors involved in the interaction experience certain particularities in the conduct of conversation, which favor male discursive manifestation over female discursive manifestation, even though this it coming from the interviewee invited to the program. It is possible to conclude from the analysis that there are totalitarian, homogenizing power relations socially attributed to man over the female figure, and that these abusive relations are projected in the conduction of the conversation that characterizes the interview, which configures an oppressive character, in relation to the female gender. They are



also projected in the use of language in interaction and it involves a woman's attitude of resistance in the simple appropriation and conduction of words in interaction.

Keywords: conversational interaction, conversation, speech turns, interview.

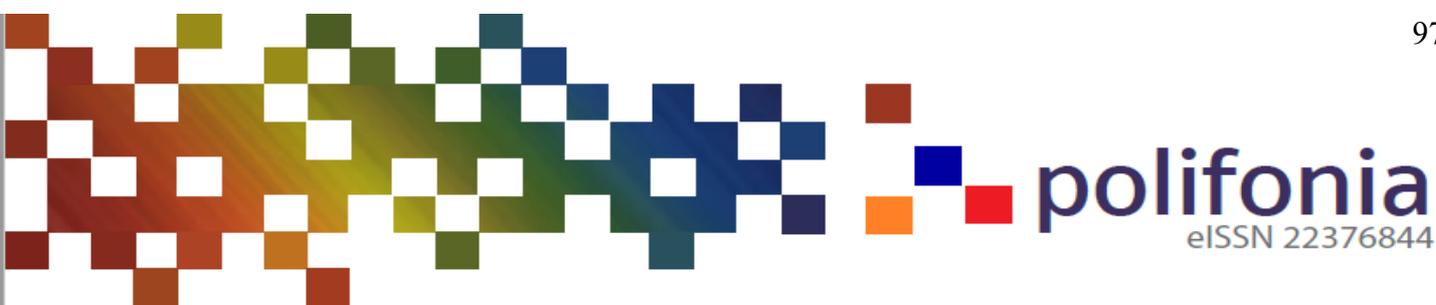
Resumen

En este trabajo, basado en las concepciones de la Lingüística Interaccional, el objetivo es ampliar la comprensión del fenómeno de la opresión social del género marcado en la interacción por medio de estrategias discursivas de gestión de turnos y tópicos en la conversación. Por lo tanto, el tema de este artículo es la gestión de turnos y los temas conversacionales como estrategia interaccional de la opresión social de género en una entrevista televisiva. Como camino metodológico, son analizados dos factores importantes de la interacción conversacional: la forma en que los interlocutores generen la alternancia de los turnos del habla y la forma como se manipula la elección y el mantenimiento del tópico discursivo, lo que implica factores lingüísticos y paralingüísticos. Los interlocutores involucrados en la interacción en cuestión experimentan determinadas particularidades en la conducción de la conversación, que favorecen la manifestación discursiva masculina sobre la manifestación femenina, aunque advenida de la entrevistada invitada al programa. Es posible concluir a partir del análisis que existen relaciones de poder totalitarias y homogeneizadoras socialmente atribuidas al hombre sobre la figura femenina y que esas relaciones, abusivas, se proyectan en la conducción de la conversación que caracteriza la entrevista, lo que configura un uso de la lengua en interacción de carácter opresivo en relación con el género femenino e implica una actitud de resistencia de la mujer en la simple apropiación y conducción de la palabra en interacción.

Palabras clave: interacción conversacional, conversación, turnos de habla, entrevista.

Introdução

A interação é fundamental na manutenção da vida social, e, por isso, analisar conversações concretas mostra-se sempre relevante na busca de melhor compreender as relações sociais. As diferentes formas de cada interlocutor participar da construção da conversação, alternando seu papel de falante para ouvinte e vice-versa mostra a maneira como ele interage com o mundo. É nesse contexto que surge o tema deste trabalho, a gestão de turnos e tópicos conversacionais como estratégia interaccional de opressão social de gênero em uma entrevista televisiva. O tema é analisado à luz de princípios da Linguística Interaccional, com importantes contribuições dos estudos da Análise da Conversação. Em entrevistas televisivas, a administração de turnos de fala já é previamente estabelecida com base na configuração do par pergunta/resposta, uma vez que o entrevistador pergunta e dá espaço para o entrevistado responder. Essa estrutura é utilizada para organizar a conversação, a qual é entendida, segundo Marcuschi (2003), como uma interação centrada da qual participam pelo menos dois interlocutores que se revezam, tomando cada qual pelo menos uma vez a palavra, dando-se o evento comunicativo em uma identidade temporal, levando em conta a participação equilibrada dos falantes, a escolha do assunto discutido, o tempo necessário para perguntar e responder.

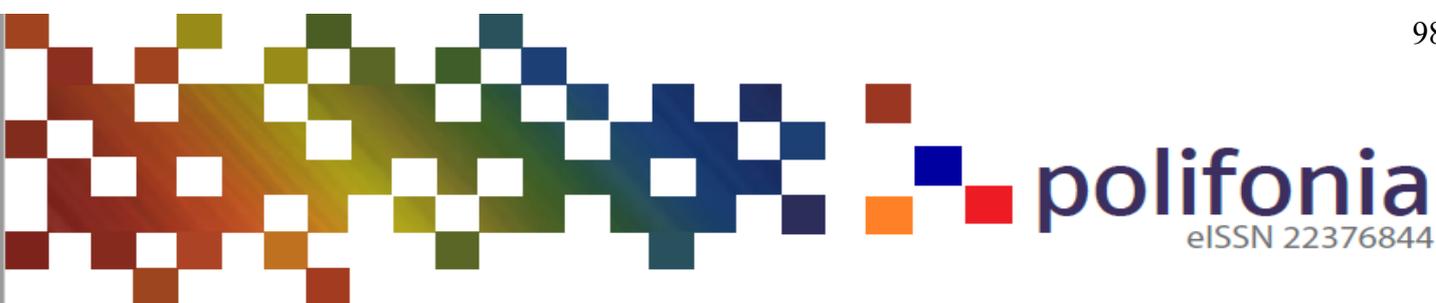


Dessa forma, a entrevista cria um elo de interação a três: entrevistador/ entrevistado/ público espectador.

Porém, na entrevista televisiva que analisamos, essa regra é quebrada, uma vez que os entrevistadores impossibilitam a resposta da entrevistada, interrompendo seu turno ou sobrepondo falas. O ajuste de falas entre os interlocutores, sempre é conflituoso, desta vez acentua a quebra do princípio de alternância mantendo a harmonia na interação, já o tópico discursivo prevaiente é nitidamente manipulado pelos entrevistadores. É importante salientar que se trata de uma entrevista com a pré-candidata à Presidência da República do Brasil, Manuela D'Ávila, do Partido Comunista do Brasil – PC do B, promovida pelo Programa Roda Viva, no dia 25 de julho de 2018, e faz parte de um rol de entrevistas realizadas pelo programa com os pré-candidatos à presidência da República do Brasil naquele momento político. Assim, é esperado mais questões sociais e ideológicas que inflamam o discurso sejam esperadas e exijam um modo mais específico de gerenciar a conversação. No entanto, não se trata apenas de uma questão político-partidária, pois a entrevista se destaca das demais promovidas com os outros pré-candidatos, a maioria deles homens. Sendo assim, não nos voltamos neste artigo às particularidades advindas do cenário político caracterizando o momento histórico em que a interação foi produzida e foi ao ar, embora saibamos, de uma forma ou outra, ele afeta a relação interpessoal dos interlocutores. Nosso foco, porém, centra-se nas relações de gênero marcadas no discurso e, principalmente, na condução da conversação. A questão norteadora aqui apresentada se volta ao fato de que a alternância de turnos de fala é utilizada como estratégia de interação na entrevista televisiva conduzida principalmente por entrevistadores homens, interferindo diretamente na relação interpessoal com a entrevistada convidada, uma mulher.

Relacionamos o fato desta entrevista em especial de destoar das demais com o fato de a entrevistada ser uma candidata mulher e, portanto, ainda vivenciar a opressão social em relação ao gênero feminino. Essa opressão vem retratada, explicitamente, no grande número de sobreposição de falas e interrupções de turno promovidas pelos entrevistadores, particularidades procuramos analisar neste artigo. Para embasar essa análise, trazemos discussões de alguns pesquisadores da grande área da Linguística Interacional e contribuições da Análise da Conversação.

O artigo está organizado da seguinte maneira: inicialmente, apresentamos seções teóricas pautadas nos princípios da Linguística Interacional e da Análise da Conversação



focalizando principalmente a interação conversacional, o turno e o tópico conversacional e seu gerenciamento na interação; em outra seção, situamos os estudos acerca do gênero e do discurso; na sequência, apresentamos o corpus e os princípios metodológicos norteadores a análise, assim como ela propriamente dita; finalizamos com as considerações e as contribuições a acerca da opressão social de gênero na sociedade.

A interação conversacional: uma negociação

A vida se faz na e pela linguagem. Agimos no mundo por meio da língua e entramos em contato com o outro por ela. É assim que se funda a sociedade, calcada em interações. A interação verbal é o que coloca o código da língua em funcionamento e faz dela um sistema vivo, possibilitando a comunicação e a vida em sociedade. Analisar a interação é analisar a língua viva, em uso, “na boca do povo”. Neste artigo, entendemos que a linguagem pode ser observada, descrita, analisada e interpretada quando se manifesta na língua, tanto na escrita quanto na fala. Nesta última, quando nos deparamos com uma interação conversacional, na interação face a face, algumas considerações dos estudos da Linguística Interacional e da Análise da Conversação são pertinentes na busca de sentidos do discurso.

A Análise da Conversação, de origem transdisciplinar no mundo todo, amplamente debatida por Kerbrat-Orecchioni (2006), e, no Brasil, inaugurada por Marcuschi (2003), possibilita uma observação mais criteriosa às particularidades do texto conversacional, na busca de sentido baseada no linguístico e relacionada com o paralinguístico. As considerações dessa teoria possibilitaram analisar a construção da conversação como um trabalho colaborativo, no qual a proximidade e o distanciamento dos interactantes são variáveis importantes para compreensão do uso de recursos interacionais, assim como os turnos conversacionais, os papéis de falante e ouvinte, o par pergunta/resposta, o tópico discursivo e a relação interpessoal entre os interlocutores. Todos esses conceitos se presentificam de uma forma ou outra em nossa investigação, no entanto, os conceitos de turno e tópico conversacional são centrais em nossa discussão. Para melhor situar esses conceitos, iniciamos com a noção geral de conversação.

Ao tratar de conversação, precisamos situá-la como um processo interacional. Com base nesse enfoque interacionista de produções linguísticas, percebemos que “o discurso é inteiramente ‘coproduzido’, é o produto de um trabalho colaborativo incessante” (KERBRAT-



ORECCHIONI, 2006, p. 11). A conversação, por sua vez, é a forma prototípica do processo interacional, o tipo específico mais comum e representativo da interação verbal. Sendo a conversação esse trabalho colaborativo e interacional, o texto conversacional produzido nesse processo possui certas particularidades, analisáveis tanto no “dito”, ou seja, explícito nas palavras e registrado na materialidade linguística, quanto na “maneira de dizer”, as estruturas da conversação, seus mecanismos organizadores, entonação, gestos, expressão facial. Por envolver uma prática social muito comum no cotidiano do ser humano e estar estritamente relacionada com as identidades sociais de contextos reais, a conversação teve estudos analíticos em diferentes enfoques. Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 17-24) mapeia esse campo transdisciplinar em quatro tipos de enfoque, que iniciaram o estudo das interações verbais. Nosso trabalho se situa no enfoque de abordagem linguística, com uma visão de análise linguística dos dados. Assim, seguimos, em linhas gerais, o que afirma Marcuschi (2003, p. 7) acerca da tentativa dos trabalhos da Análise da Conversação em responder questionamentos tais como os que seguem:

Como é que as pessoas se entendem ao conversar? Como sabem que estão se entendendo? Como sabem que estão agindo coordenada e cooperativamente? Como usam seus conhecimentos linguísticos e outros para criar condições adequadas à compreensão mútua? Como criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais? (MARCUSCHI, 2003, p. 7).

No caso específico deste artigo, voltamo-nos para um conflito interacional que coloca em destaque o gerenciamento de turnos e tópicos na condução de uma entrevista televisiva do Programa Roda Viva. Partimos do princípio de que há um conhecimento social mobilizado no aqui-agora da interação que orienta as escolhas linguísticas e paralinguísticas dos entrevistadores de forma que eles exerçam, na conversação, estratégias opressoras em relação à entrevistada de gênero feminino, revelando o quanto as relações cristalizadas na sociedade orientam a interação produzida e a forma como ela é construída.

Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 26) afirma que o enfoque interacionista olha para os “discursos atualizados em situações de comunicações concretas”. Dessa forma, a situação interacional permite a construção de sentido do discurso produzido. O lugar e o momento onde a conversação acontece, a finalidade da conversa, os sujeitos envolvidos e o contexto sociocultural da interação são fundamentais no entendimento da interação conversacional. A



análise da situação interacional possibilita notar um modo específico de organizar a conversação, pois essa segue influências das intenções particulares de cada sujeito e também das regras e convenções de cada contexto. Na conversação, o que acontece é uma “interação verbal centrada, se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum” (MARCUSCHI, 2003, p. 15). As considerações sobre conversação permitem-nos perceber na interação conversacional algumas características básicas se sobressaem.

A primeira delas é o fato de que há coerência entre os interactantes centralizando seu diálogo em um assunto em comum, o que faz com que a noção de tópico discursivo seja fundamental no estabelecimento dos sentidos. A decisão do tópico não é unilateral, depende da negociação dos interactantes. Essa negociação é ininterrupta, pois o tópico altera-se no decorrer da interação. Cabe ao interactantes utilizarem estratégias de colaboração, já que “uma conversação fluente é aquela em que a passagem de um tópico a outro se dá com naturalidade” (MARCUSCHI, 2003, p. 77). Assim, a articulação das falas ocorre em torno de um mesmo foco referencial, para organizar o processo de interação. Sem a formulação do tópico, a conversação não teria sentido, pois cada interactante falaria de algo diferente, sem colaboração.

A negociação é fundamental na conversação, não só na decisão do tópico a ser discutido, mas em todo o processo. A conversação é uma produção verbal conjunta, um processo cooperativo, co-construído pelos participantes da interação. E, justamente por isso, a noção de turno ganha relevância. Marcuschi (2003, p. 19) se refere a um aspecto muito importante na conversação: “A regra geral básica da conversação é: fala um de cada vez.”.

Cada interactante possui sua vez de fala, esse é o princípio básico de alternância de turno de fala. Mesmo que haja sobreposição de falas e interrupções, os interactantes devem negociar para manter o processo harmonioso. Já a “alternância de turno, pela qual a conversação se realiza, implica uma construção colaborativa, na medida em que a fala de um locutor tem por parâmetro a de seu interlocutor” (FÁVERO et al., 2010, p. 101). Um sujeito fala levando em conta o outro, essa negociação acontece o tempo todo e garante o envolvimento interpessoal dos participantes.

O interessante dessa negociação no ato conversacional é que ela acontece no exato momento da interação, de maneira colaborativa entre os interactantes. Sendo assim, podemos afirmar que o texto produzido numa conversação possui uma circunstância de momentaneidade.



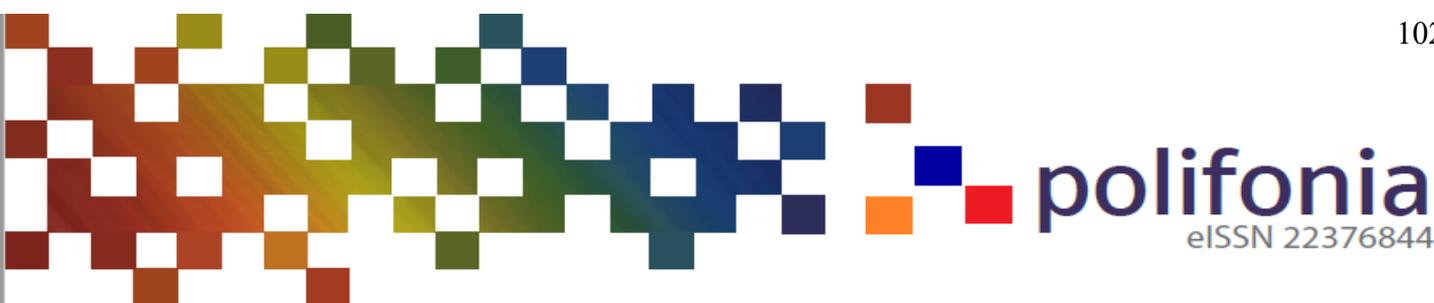
Isso significa que não há um grande planejamento prévio para sua produção, na verdade, o planejamento e a produção acontecem de maneira simultânea. Isso faz com que os interactantes utilizem processos de reformulação, repetição, correção e explicação para manter o entrosamento interacional e para garantir a comunicação, pois “o texto conversacional tem a sua elaboração negociada a cada lance” (FÁVERO et al., 2010, p. 101). É a negociação, portanto, que instaura a relação interpessoal dos sujeitos em cada interação. Interação que se dá pela troca de papéis, entre falante e ouvinte, em diferentes turnos, com administração de tópicos, conceitos que serão detalhados na sequência.

Turno e tópico conversacional

A característica mais evidente em uma interação verbal é a alternância de papéis, de falante para ouvinte, entre os interlocutores. Isso faz com que participantes da conversação construam o discurso de maneira colaborativa, alternando-se para que haja harmonia e equilíbrio no diálogo. Estudar as formas de participação de cada interlocutor, em um discurso, e que estratégias utilizam para trocar o turno é um fator importante, que possibilita construção de muitos sentidos. Mas antes de aprofundarmos a explicação no conceito de turno, ressaltamos aqui a ideia de tópico conversacional.

Tomando em um sentido geral, com base nos estudos de Brown e Yule (1983, p. 73), tópico conversacional, ou simplesmente tópico, é entendido como “aquilo acerca do que se está falando”. Os sujeitos, quando interagem, falam sobre algum assunto. Esse assunto, ou seja, o tópico, pode ser inserido por quaisquer participantes e também alterado por eles. Manter ou trocar o tópico depende de um trabalho cooperativo e colaborativo, como tudo na conversação, pois os interlocutores podem ou não aceitar as escolhas de tópico de seus parceiros de interação. Assim, a negociação é fundamental nesse momento, gerando conflito e também um trabalho compartilhado, por meio do qual os interlocutores precisam encontrar um consenso sobre o assunto de sua conversação.

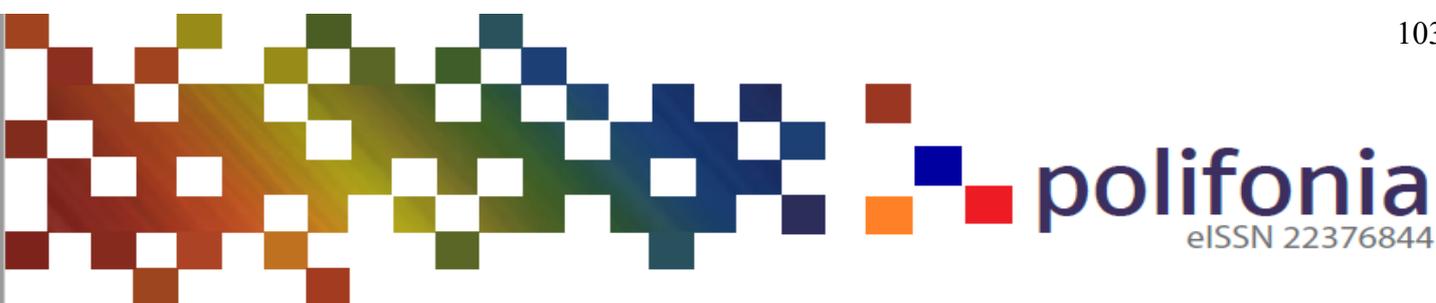
A noção de tópico conversacional mostra que “a conversação não é um enfileiramento aleatório de enunciados; ao contrário, ela é altamente estruturada e passível de análise formal” (FÁVERO, 2001, p. 53). O desenvolvimento de um tópico, mesmo passível de mudanças, cortes, digressões e retomadas, é o que organiza o processo conversacional. A escolha em



manter ou mudar o tópico depende de inúmeros fatores, principalmente das intenções subjetivas do falante e da aceitação do ouvinte. Nesse âmbito, para construir sentidos no texto conversacional, precisamos analisá-lo como um trabalho de muitas mãos, ou melhor, de muitas vozes. Além de ver o desenvolvimento dos tópicos no texto conversacional como uma estratégia e uma escolha por parte dos interactantes, também devemos entender que “O sentido é construído durante a interação e está assentado numa série de fatores contextuais como: conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, circunstâncias em que ocorre a conversação, pressuposições, etc.” (FÁVERO, 2001, p. 38).

Com a noção de tópico definida, partimos para o conceito de turno, fundamental para as categorias de análise deste trabalho. Sabemos, como senso comum, que turno é um período de tempo, fixo ou não, que cada indivíduo dispõe para a execução de uma tarefa. Na conversação, o conceito não é diferente. Turno conversacional é o tempo em que o falante está com a palavra e dirige-se ao ouvinte. O turno é revezado, ouvinte toma a palavra e coloca-se na posição de falante, começando seu novo turno. Essa alternância vai tecendo, aos poucos, o tecido textual da conversação. Como reitera Galembeck (2001, p. 60), “pode-se caracterizar a conversação como uma série de turnos, entendendo-se por turno qualquer intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo), de qualquer extensão.”. Notamos que toda intervenção, seja ela pequena ou longa, que desenvolve o tópico ou simplesmente dá um sinal ao parceiro conversacional, é significativa na organização da conversação.

Dessa forma, todo o enunciado proferido faz parte da construção do turno: seja ele um turno nuclear, com uma carga forte de conteúdo informacional; ou um turno inserido, sem grande transmissão de conteúdo, servindo mais como uma indicação de atenção ao interlocutor. Inúmeras são as estratégias de gestão de turno utilizadas pelos interactantes, tanto a sustentação da fala, quanto para troca de falantes. A conversação é planejada no momento da interação, planejamento e execução até se confundem. O falante, nesse planejamento quase instantâneo, se deseja conservar o turno, deve manter uma posição confortável que não abra brechas para que o ouvinte tome a palavra. Alongamentos e repetições são estratégias usadas para sustentar o turno, sem que o ouvinte veja a possibilidade de iniciar seu turno como falante (GALEMBECK, 2001, p. 76). Dessa forma, o falante consegue ter controle do tópico a ser discutido e também possui mais tempo de expor suas ideias. Mas como a troca de falantes é praticamente um fator constitutivo da conversação, chega a hora da passagem de turno.



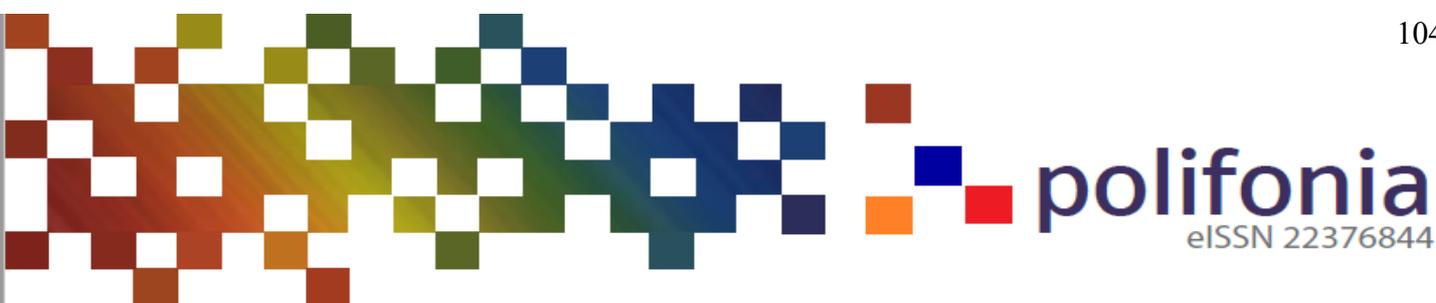
A troca de falantes pode se dar pela passagem ou pelo assalto. Esses fatores, apresentados pelos teóricos Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), são retomados por Galembeck (2001, p. 71). Trazemos aqui a diferença entre uma passagem de turno e um assalto. A passagem é o momento em que o ouvinte percebe que chegou o ponto que lhe cabe tomar a palavra e continuar o tópico conversacional, podendo ser uma passagem requerida pelo falante (que solicita explicitamente a colaboração do seu interlocutor) ou uma passagem consentida (o falante conclui seu turno e abre a possibilidade do ouvinte iniciar seu turno como falante).

Porém, sabemos que a troca de falantes nem sempre se dá de maneira tão harmoniosa. Muitas vezes, o ouvinte interrompe o falante, toma a palavra e inicia seu turno. Esse é o assalto ao turno, marcado pela participação do ouvinte sem a solicitação do falante. Em outras palavras, o assalto de turno é quando o ouvinte invade o turno do falante fora do momento de transição, causando desconforto na interação, uma verdadeira interrupção. O assalto não é bem visto nos princípios da conversação, já que viola um princípio básico, que somente um interlocutor deve falar por vez. Essas interrupções e sobreposições, segundo os princípios da interação harmoniosa, devem ser evitadas, pois causam “um momento de colapso, de perturbação das regras que organizam o sistema conversacional.” (GALEMBECK, 2001, p. 76). No entanto, é importante lembrar que o processo conversacional é uma situação de confronto, pois coloca frente a frente dois indivíduos de saberes e vivências diferentes. Mesmo seguindo os princípios da conversação harmoniosa, na maioria das vezes, sabemos que não há regras absolutas para a construção da interação conversacional.

Muitas interações apresentam peculiaridades interessantes, carregadas de intenções que merecem atenção. No caso deste trabalho, voltamo-nos para as questões que materializam, na interação, a opressão social de gênero em relação à mulher.

A opressão social de gênero na interação conversacional

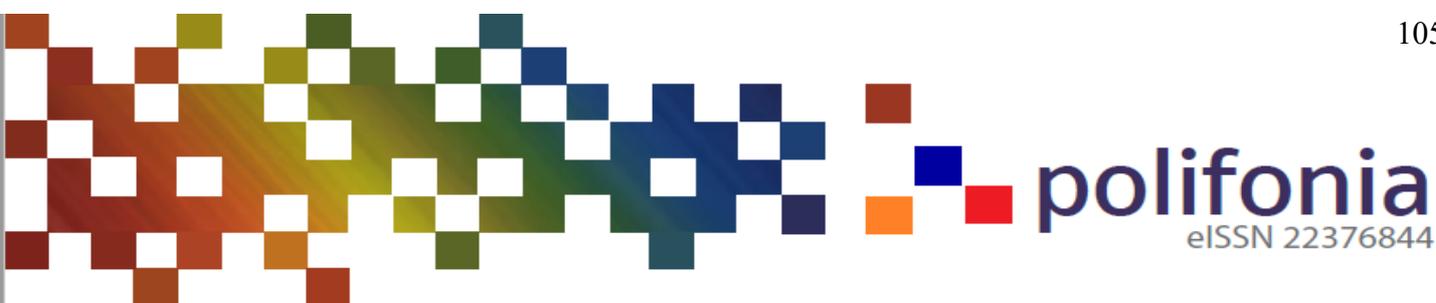
Acerca dessa questão, é relevante lembrar que algumas pesquisas já se ocuparam do tema. O pioneiro dos estudos de gênero e discurso talvez tenha sido o trabalho de Lakoff (1975), o qual emergiu durante o movimento feminista e se apresenta como uma tentativa de evidenciar as diferenças no uso da linguagem em função do gênero. Seus trabalhos mostram que as “garotas” aprendem a usar um estilo mais suave, menos assertivo em função de determinadas



normas sociais que determinam a feminilidade; este estilo se marca nas escolhas linguísticas de muitas mulheres, as quais usam, entre outros recursos, partículas expletivas para mitigar a força de seus argumentos ou mesmo adjetivos banalizadores de suas próprias opiniões.

No Brasil, destacamos o trabalho de tradução resultante na obra *Linguagem, gênero, sexualidade*, de 2010, organizado por Ana Cristina Ostermann e Beatriz Fontana, o qual contribui para o campo de estudos, com a tradução de textos clássicos que contemplam a discussão sobre linguagem, gênero e sexualidade na trajetória dos anos 1970 aos anos 1990, com emergência de diferentes paradigmas teórico-metodológicos e movimentos sociais de lutas da mulher, do homem, de *gays* e lésbicas. As autoras brasileiras afirmam que o gênero é compreendido como uma categoria socialmente construída, diferenciada da oposição biológica macho/fêmea, e justamente por isso é afetada pelas interações sociais. Elas reconhecem que as práticas socioculturais que constituem essa categoria, e que incluem a linguagem, são, com frequência, objeto de resistência ou contestação. Homens ou mulheres, ao participarem de interações sociais, via linguagem, alinham-se em diferentes graus com os papéis de gênero articulados nessas práticas linguísticas, ora aceitando-os sem questionamento, ora discordando parcialmente deles, ora rejeitando-os na sua totalidade.

Entre os textos clássicos traduzidos no livro das autoras brasileiras, encontra-se o trabalho de Tannen (2010). A pesquisadora destaca a característica competitiva dos homens nas conversações investigadas por ela, o que a leva a afirmar que estes encaram a conversa, em alguns casos, como uma competição, por isso não demonstram interesse em apoiar as falas alheias, e sim, em mudar o rumo da conversa para ocupar o papel principal, seja contando uma história, ou uma piada. Tannen (2010) defende que o gênero é um fator de influência na realização das interrupções, havendo um estilo conversacional masculino configurado como de “fala pública”, com ênfase no tipo relato, e um estilo conversacional feminino de “fala privada”, que enfatiza a fala do tipo cooperativa. A autora minimiza a importância da regra do fala um de cada vez, uma vez que, segundo ela, a sobreposição de vozes pode ser cooperativa, o que, em geral, ocorre nas interações entre mulheres em situações casuais e amigáveis. A análise da autora leva em consideração que não se trata apenas de verificar se há ou não interrupções de turno nas interações entre os interlocutores; mas sim, de analisar a natureza dessas estratégias e sua motivação, a qual nem sempre se encontra na interação conversacional em si, mas pode ser advinda dos papéis sociais de cada participante assumidos anteriormente nos diversos



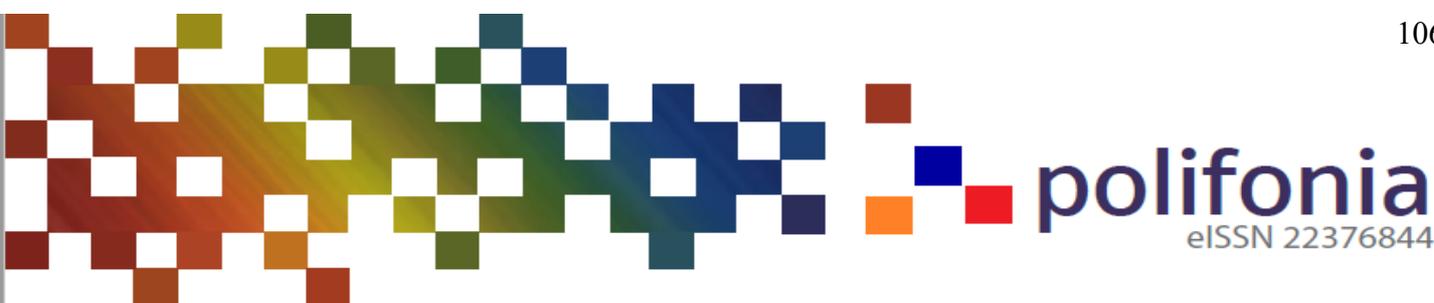
deslocamentos na sociedade. Ou seja, a situação envolvendo um grupo de amigas conversando é propícia a um engajamento interacional tão forte que lhes são permitidas em suas conversações a sobreposição de vozes e a interrupção. No entanto, numa entrevista televisiva, a natureza da interação é diferente: o par pergunta/resposta deveria ser o direcionador da interação, ou seja, uma vez que se apresenta ao entrevistado uma pergunta, deve-se aguardar sua resposta para somente depois se retomar o turno. Na sequência desta artigo, veremos que não é isso que ocorre na entrevista televisiva de Manuela D'Ávila.

Os resultados desses estudos acerca de linguagem e gênero evidenciam a importância de se considerar o gênero dos interlocutores na observação do fenômeno de interrupção, atentando tanto para o gênero de quem interrompe quanto para o de quem é interrompido, como também para as posturas dos falantes ao realizá-lo, se de competição ou colaboração.

Nosso trabalho de análise, na próxima seção, procura os sentidos que resultam dessas peculiaridades, em especial, no que diz respeito ao gerenciamento de turnos e tópicos como estratégia na interação. Com base nos conceitos aqui mostrados, discutimos, na sequência, princípios metodológicos que nos guiaram e apresentamos a análise empreendida.

Uma entrevista com Manuela: análise da interação conversacional no programa Roda Viva

Lembramos que este trabalho busca ampliar a compreensão do fenômeno da opressão social de gênero marcada na interação por meio de estratégias discursivas de gerenciamento de turnos e tópicos na conversação. Para isso, retomamos a explicação em Bentes e Leite (2010, p. 103) sobre turnos conversacionais: “representam as diferentes formas por meio das quais os interlocutores participam da construção do diálogo”. Cada vez que um interlocutor toma a palavra para si, temos um turno de fala instaurado. Compreender os aspectos da gestão de turnos, os quais envolvem também a manipulação de tópicos conversacionais, nessa entrevista, levará à reflexão sobre a maneira como os recursos conversacionais são utilizados como estratégia discursiva. Assim, demonstramos o *corpus* analisado, sua particularidade como entrevista e o percurso metodológico de análise, para, em seguida, procedermos à discussão dos dados.



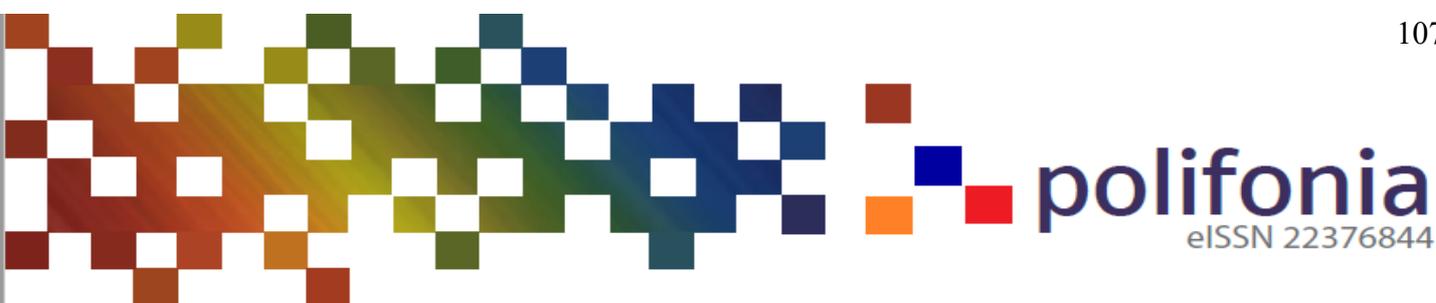
A entrevista como interação a ser analisada: *corpus* e percurso metodológico

Em entrevistas televisivas, a administração de turnos de fala já é previamente estabelecida, pois a própria estrutura da entrevista delimita que entrevistador pergunta e dá espaço para o entrevistado responder. Esse par pergunta/resposta, nas entrevistas é normalmente utilizado de forma estratégica para organizar a interação conversacional, levando em conta alguns fatores: ajustar a participação dos falantes, focalizar um tópico discursivo, criar um elo na interação a três (entrevistador/entrevistado/público espectador).

A entrevista televisiva, conforme Bentes e Leite (2010), possui uma configuração específica, chamada de trílogo, ou seja, um esquema triangular, onde três sujeitos interagem: entrevistado, entrevistador e público. Essa ideia de trílogo é fundamental, conforme ressalta Fávero e Andrade (1998), já que, na entrevista, entrevistador e entrevistado têm a tarefa de informar, mas também convencer o público. Eles parecem cúmplices naquele momento de interação, mas na verdade são oponentes, quanto à conquista do público. Em busca de causar uma boa impressão na audiência, entrevistador planeja suas perguntas e entrevistado pensa muito bem nas suas respostas. Mesmo isso parecendo óbvio, ainda há uma falsa concepção do jornalismo imparcial, em que entrevistador é somente o caminho entre entrevistado e público. Notamos o equívoco dessa concepção quando percebemos a preocupação tanto dos entrevistadores quanto dos entrevistados em manter uma imagem em relação ao público. Isso porque o jornalista também é sujeito envolvido na interação e registra sua subjetividade no discurso.

É nesse contexto que a entrevista se situa como um trílogo, no qual entrevistador e entrevistado agem colaborativamente, buscando atuar um sobre o outro e também sobre a audiência. Fávero e Andrade (1998, p. 157) considera “no intuito de observar o processo interacional nas entrevistas, é preciso considerar a situação, as características dos participantes e as estratégias por eles utilizadas durante o evento.”

Nosso objeto é a entrevista realizada pelo programa Roda Viva do dia 25/06/2019, com a então pré-candidata à presidência da República nas eleições de outubro do mesmo ano e



deputada estadual pelo PCdoB do Rio Grande do Sul, Manuela D'Ávila. A entrevista¹, transmitida pela TV Futura e depois postada nas redes sociais e de divulgação do programa, foi mediada pela seguinte bancada de entrevistadores: Vera Magalhães, colunista do jornal O Estado de S. Paulo e comentarista da Rádio Jovem Pan; Frederico d'Ávila, diretor da Sociedade Rural Brasileira; Letícia Casado, jornalista da Folha de S.Paulo em Brasília; João Gabriel de Lima, coordenador de jornalismo do Insper Instituto de Ensino e Pesquisa e colunista da revista Exame; e Joel Pinheiro da Fonseca, economista e filósofo.

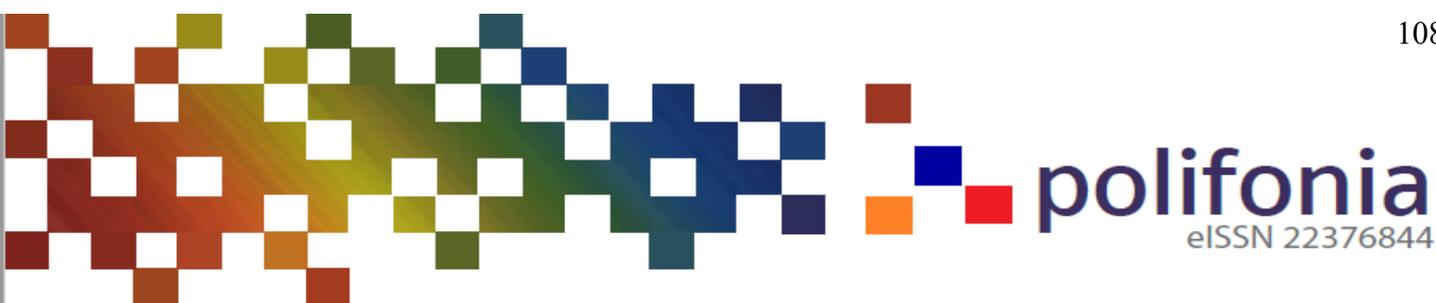
A entrevista do Roda Viva com Manuela D'Ávila gerou polêmica em inúmeros sentidos, tanto quanto ao conteúdo debatido e discutido pela entrevistada e entrevistadores, quanto pelas características um tanto quanto desarmonizadas da interação conversacional construída. Para efeito de análise, assumimos como percurso metodológico o seguinte esquema analítico, que levará em conta dois fatores: primeiro, buscaremos analisar a maneira pela qual os interlocutores gerem a alternância dos turnos de fala e a forma como ocorre a escolha e a manutenção do tópico discursivo (assunto) que a entrevista aborda; na sequência, discutiremos sobre como essas estratégias de gerenciamento de turno e tópico são usadas para interferir diretamente na relação interpessoal entre os interlocutores, o que, neste artigo, associamos com uma relação de opressão social de gênero.

A entrevista, por ser um documento audiovisual de aproximadamente uma hora e vinte minutos, não é analisada aqui na sua totalidade. Trabalhamos com comentários de segmentos que ilustram as estratégias analisadas, sem transcrição direta, por entendermos que se trata de uma metodologia mais produtiva no caso deste artigo.

Turnos, tópico e interação: uma análise de interrupções e sobreposição de falas

Consideramos importante relembrar aqui o formato do Programa Roda Viva, um programa de entrevistas no qual o convidado ocupa o centro do espaço, rodeado pelos entrevistadores, os quais ocupam um espaço mais elevado na bancada. Trata-se de uma configuração importante para pensar a interação conversacional, uma vez que a distribuição do espaço já anuncia o tipo de interação: um entrevistado a responder a diversos entrevistadores,

¹ A entrevista completa pode ser conferida no link <<https://www.youtube.com/watch?v=GYBfJS-NMTI>>.

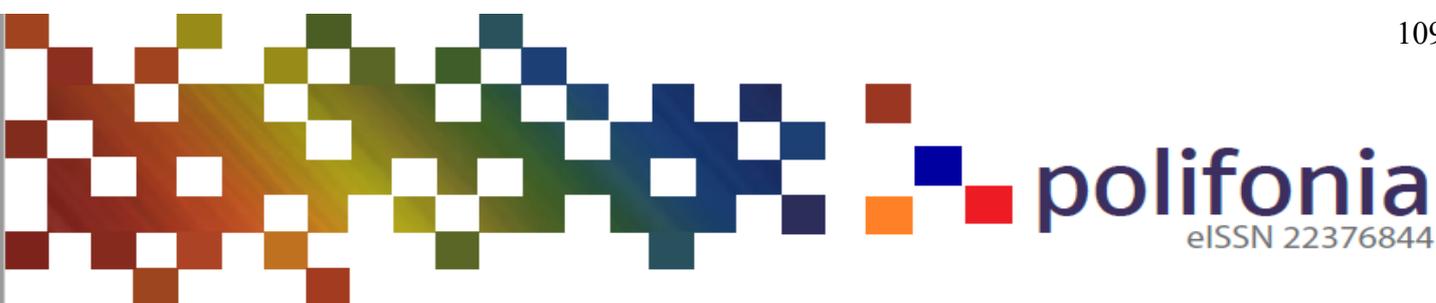


necessitando girar sua cadeira a cada nova pergunta a fim de ficar face a face com seu interlocutor. No caso específico desta entrevista, entendemos que é importante registrar que a entrevistada se coloca no centro da bancada vestindo uma camiseta com a legenda *Lute como uma garota*², o que se revela um elemento importante na interação, uma vez que anuncia aos entrevistadores e aos telespectadores o lugar ocupado por ela: uma mulher militante, característica que perpassa sua autoapresentação e todo seu discurso.

Os fenômenos colocados à luz da análise neste artigo começam a se manifestar de forma mais enfática por volta dos 19 minutos e 33 segundos da entrevista, quando as interrupções do dizer da entrevista se intensificam. Assim, o primeiro segmento de que nos ocupamos envolve o tópico “grandes líderes comunistas do mundo e as atrocidades por eles cometidas”. Aos 19 minutos e 42 segundos, enquanto Manuela discorre sobre o quanto o mundo já foi violento, o jornalista Lessa interrompe a entrevistada para dizer “você acha que ok?”, ao que ela revida com uma pergunta “eu disse isso, Lessa?” O jornalista então faz uma espécie de reparo: “Não, eu tô perguntando.” Ao tentar continuar a sua resposta, outra jornalista, Vera Magalhães, tenta interromper a entrevistada três vezes. Na terceira vez, Manuela se volta para Vera Magalhães e apresenta o seguinte pedido: “Se me permite, quero só terminar de responder ao Lessa”. Há de se refletir sobre o fato de as tentativas de interrupção advirem de uma jornalista mulher e não de homens, uma vez que estamos relacionando a discussão com a questão da opressão de gênero. Acerca disso, lembramos as pesquisas de Osterman (2003), que já mostraram que não há garantias institucionais de igualdade por se tratar de uma interação entre mulheres, uma vez que o papel interacional ocupado pela entrevistadora se aproxima daquele ocupado pelos homens, denunciando um ponto de vista que não é apenas do interlocutor, mas da sociedade machista.

Neste mesmo segmento, ganha relevância a insistência dos dois entrevistadores, Lessa e Vera Magalhães, em manter o tópico acerca dos modelos de governo comunistas a serem seguidos, mesmo depois de a entrevistada ter dito repetidas vezes que seu projeto de governo não seguirá modelos, será um novo projeto cunhado para a realidade brasileira. Repete-se praticamente a mesma pergunta na busca de se ouvir uma nova resposta, o que não ocorre. Essa

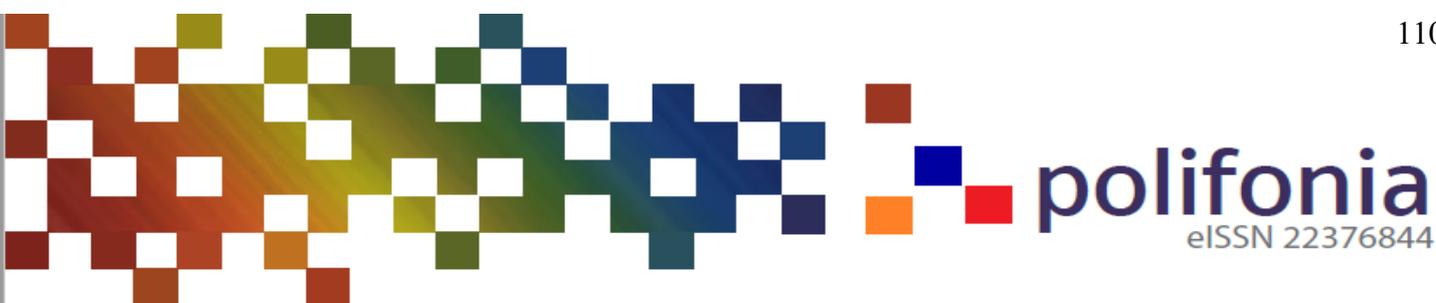
² A estampa da camiseta é do movimento “Putá Peita”, projeto de resistência conhecido principalmente pelas camisetas “all types” nas quais a mensagem é a protagonista.



reiteração da mesma pergunta acaba por fazer com que a conversação progrida muito pouco, fato inusitado para uma entrevista televisiva. É neste clima que se encerra o primeiro bloco.

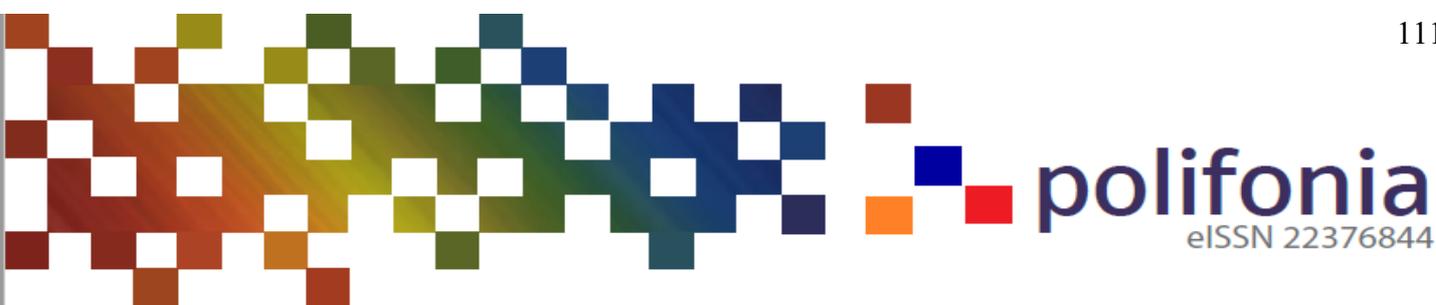
No segundo bloco, destacamos o fato de o tópico polêmico do bloco anterior retornar na pergunta de Frederico, o qual focaliza novamente os líderes comunistas internacionais e pergunta sobre a possibilidade desses modelos internacionais servirem de modelo de comunismo para o Brasil, mesmo depois de a entrevistada ter deixado claro que não se trata disso. A condução dessa conversação pelo jornalista Frederico caracteriza uma espécie de discurso circular, incoerente até do ponto de vista da textualidade, uma vez que não há progressão na entrevista. A entrevistada, ao responder a este questionamento, lembra que há candidaturas que defendem tortura, visões preconceituosas em relação às mulheres, que aceitam, inclusive, o estupro. Neste momento, Frederico a interrompe e pergunta reiteradamente se ela é a favor da castração química para estupradores. Manoela fala de um projeto de governo que eduque para que não haja estupros, ao que Frederico segue tentando interrompê-la e acaba por ele mesmo defender o ponto de vista da castração química para estupradores, o que denuncia a falta de trabalho colaborativo na condução da entrevista: não se trata de uma contribuição ao trabalho conjunto de construção da conversação, mas de uma postura autoritária que praticamente encerra a discussão de forma totalitária e homogeneizante: “Por isso que a castração química vai resolver este problema.”, afirma o entrevistador. Interessante observar que o entrevistador ocupa o turno para expressar seu ponto de vista, sem ouvir o da entrevistada, o que caracteriza um rompimento das regras de condução da entrevista.

Ainda no segundo bloco, a questão do feminismo é posta em discussão pela jornalista Letícia Casado, numa referência ao fato de Lula ter se referido à Manuela como “garota bonita” em seu último discurso antes de ser preso. Diante dessa referência, a jornalista pergunta se destacar tributos físicos de uma mulher no ambiente de trabalho é uma atitude machista. Ao que Manuela responde que sim, mas lembra que Lula também disse que ela acredita na política, o que, para ela, é extraordinário; mas que sim, o elogio neste caso faz parte de uma cultura machista. Curiosamente, a jornalista Letícia sustenta que a entrevistada relativa a cultura machista. Manuela então diz “Como assim? Eu tô dizendo que faz parte, não tô relativizando”. Neste ponto da interação, Vera Magalhães assalta o turno para afirmar “Não, você disse que ele falou uma coisa ruim, mas uma coisa boa/extraordinária.” Aqui se destaca, na condução do tópico, uma tentativa de desvirtuar o dito pela entrevistada e revesti-lo de um novo sentido, o



que a entrevistada não permite que ocorra. Lessa toma novamente o turno e repete, em forma de paráfrase, a pergunta acerca do elogio recebido; Letícia Casado reitera a pergunta que já havia sido respondida por Manuela: “A senhora acha que Lula foi machista nesta frase então?” Percebe-se claramente aqui que a questão se afasta de uma entrevista acerca de um plano de governo de uma pré-candidata à presidência da República, e o tema se volta para a questão do machismo de Lula, especificamente. O tema só ganha centralidade por se tratar de uma pré-candidata mulher. Tanto que, mesmo depois de outros tópicos ocuparem a interação, aos 43 minutos e 40 segundos, Lessa volta ao tópico da piada machista, o qual havia sido apresentado há muito tempo, para uma pergunta tida como curiosidade: “Qual foi a pior piada machista que você já ouviu? Dá um exemplo.” A entrevistada aproveita o retorno ao tópico para afirmar que não é fácil ser mulher na política e refere que construiu sua carreira política sozinha e que chegou a Brasília com 25 anos. Ao referir essa questão, Lessa novamente quebra a sequência do tópico sobre a carreira da candidata e reforça a temática da curiosidade em torno do ambiente machista: “em Brasília você também encontrou um ambiente muito machista?” Há claramente uma manipulação de tópico para afastar a temática de questões mais fundamentais acerca da entrevista de uma pré-candidata à Presidência, como sua carreira política, por exemplo, e centrar no âmbito das narrativas femininas, como o assédio. É este tema que encerra o segundo bloco e, surpreendentemente, o jornalista Lessa anuncia que voltará no terceiro bloco com este mesmo tema.

E, de fato, o terceiro bloco volta com Lessa anunciando o mesmo tópico: as dificuldades enfrentadas pelas mulheres num mundo machista e passa a palavra à jornalista Letícia Casado. No entanto, esta não dá continuidade ao tópico anunciado, o que gera nova incoerência na sequência da entrevista. Letícia Casado, na verdade, volta a um outro tópico do bloco anterior, também já respondido por Manuela, que se refere à possibilidade de desistência de sua candidatura. Manuela já havia respondido a esta questão, alegando, inclusive, que perguntavam isso a ela por ser mulher, e que aos pré-candidatos homens esta pergunta não era feita. Percebemos que há a insistência em manter este tópico na entrevista, numa clara reincidência a um tema já esgotado na conversação. É neste terceiro bloco que localizamos um dos pontos mais polêmicos da entrevista, na interação com Frederico, o qual dirige à entrevistada uma pergunta sobre o agronegócio. Há a interrupção da resposta de Manuela por Frederico no intuito de expor seu ponto de vista homogeneizante, afirmando que a Embrapa foi sucateada pelo PT

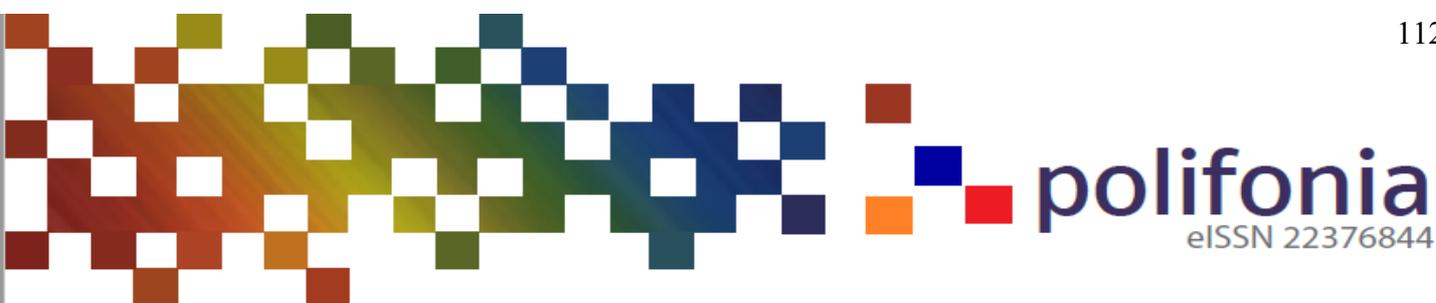


e levada para Cuba. A condução da entrevista chega a um ponto tão desconcertante que a própria candidata lembra que ela é a entrevistada, que deixou de falar bastante, mas que gostaria de poder responder à pergunta. O terceiro bloco se encerra com sobreposição de vozes de Frederico e Manuela, numa clara relação ofensiva do entrevistador, que acaba por não deixar a entrevistada ocupar devidamente o seu espaço de dizer.

O quarto bloco inicia com outro ponto alto para nossa análise, que se dá na interação com Joel, o qual se dirige à entrevistada de forma bastante irônica numa referência à defesa que ela havia feito anteriormente da inocência do Lula. A ironia logo se converte em ofensa, de forma que Joel chega a dizer que a entrevistada mente. Manuela se defende, dizendo que este adjetivo não se aplica a ela, obviamente numa clara referência ao adjetivo “mentirosa”, deduzido mediante ao uso do verbo mentir na conversação. Joel afirma que “Mentir” não é adjetivo, numa clara correção de conteúdo gramatical, o que, certamente, não é o foco da questão e, portanto, revela novamente uma atitude ofensiva. Assim como ocorrera na interação com Frederico, há um longo segmento de sobreposição de vozes de Joel e Manuela. A entrevistada, então, novamente se posiciona em relação à condução da entrevista: “Eu posso terminar alguma frase?”, enunciado que usamos neste artigo como parte do título, dada a importância que assume na entrevista. Ironicamente, o entrevistador afirma: “Mas você está falando!”.

Outro segmento por nós analisado é o fato de o tema inocência de Lula ocupar a maior parte do quarto bloco, levando Manuela a afirmar que a figura do Lula é tão relevante que a bancada de entrevistadores só fala nele ao invés de focalizar na entrevistada. Há, neste bloco, uma interrupção do raciocínio da entrevistada por parte de Vera Magalhães, numa tentativa de correção de conteúdo informacional em relação à lei da ficha limpa e a condenação em segunda instância. A jornalista Vera Magalhães chega a afirmar com um sorriso irônico: “você sabe, você votou a lei.”. Essa atitude leva Manuela a sustentar: “É claro que eu sei, é sobre isso que eu estou falando. Se você ouvir o raciocínio inteiro, você vai entender, Vera.”. É claro que não se trata de um trabalho colaborativo da entrevistadora no intuito de complementar informações da entrevistada, pelo contrário, o tom de voz, a expressão facial e principalmente a interrupção do dizer da entrevistada comprovam o teor ofensivo da participação da entrevistadora.

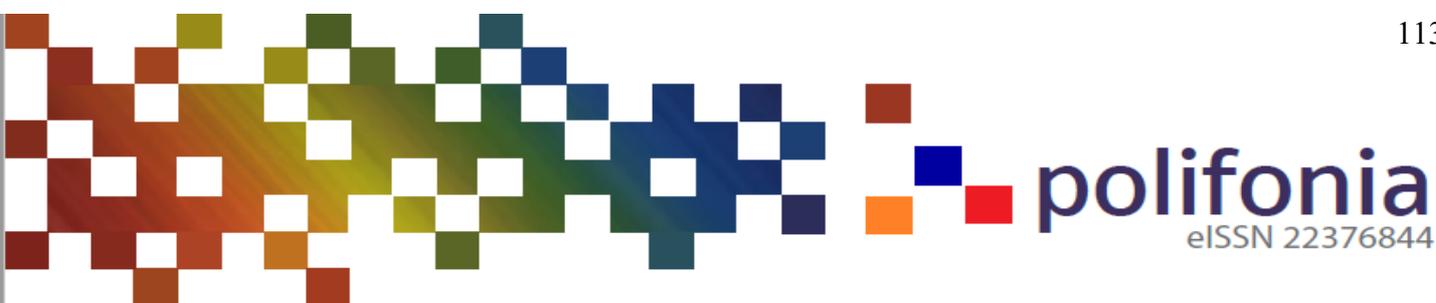
Por fim, focalizamos novamente a sobreposição de vozes característica de uma interrupção, advinda da interação com Joel, o qual insiste em tentar interromper a entrevistada



no momento em que esta apresenta sua resposta à pergunta que lhe foi dirigida por ele mesmo. Manuela tece, assim, um último comentário à situação conflituosa da interação: “eu gosto que vocês gostam mais de falar do que eu. Fantástico. Mas vamos lá!”

Essa breve descrição analítica de alguns segmentos conversacionais ilustrativos dos fenômenos que estamos focalizando nos leva a hipotetizar que de fato há uma particularidade na interação manifestada no gerenciamento dos turnos pergunta-resposta da entrevista e dos tópicos focalizados, tendo em vista, principalmente, a progressão da conversação. É possível pensar que o direito de a entrevistada ocupar seu turno de resposta é burlado várias vezes durante a entrevista, em especial, no bloco três e quatro. Assim como o gerenciamento de tópicos se revela estranho a uma entrevista televisiva, uma vez que não atende de forma satisfatória ao requisito da progressão textual, retomando questões já respondidas, com repetição de perguntas já esgotadas na interação. Essa constatação nos leva ao segundo passo de nossa análise: averiguar como essas estratégias de gerenciamento de turno e tópico são usadas para interferir diretamente na relação interpessoal entre os interlocutores, a partir de uma relação de opressão social de gênero.

Em relação a esse caráter interpessoal caracterizado pela opressão social de gênero, constatamos que, à luz do que afirma Tannen (2010), a interrupção está relacionada à interpretação individual dos direitos e obrigações na conversa. A autora leva em conta que, para determinar se um falante está violando os direitos do outro, é preciso conhecer bem os dois falantes e a situação. Por exemplo, o que os falantes estão dizendo? Há quanto tempo cada um está falando? Qual é sua relação progressiva? Como eles se sentem ao serem interrompidos? E, mais importante, qual é o conteúdo do comentário do segundo falante em relação ao primeiro: trata-se de um reforço, uma contradição ou uma mudança de tópico? Em outras palavras, o que o segundo falante está tentando fazer? Levando esses aspectos em consideração na análise, percebemos que a entrevistada constrói enunciados que evidenciam o desconforto perante a situação e que, inclusive, funcionam como um alerta aos entrevistadores acerca da estrutura da interação em andamento. São exemplos disso o uso de marcadores explícitos de retomada de turno usados pela entrevistada: “eu queria retomar a palavra como entrevistada”; “Eu não consigo terminar um raciocínio...”; “Eu posso terminar alguma frase?”. É fundamental que tenhamos clareza dos momentos em que esses marcadores são revelados, pois não se trata de um uso isolado ou aleatório, mas de um resultado da relação construída com os interlocutores,



a qual revela o desrespeito em relação ao papel da entrevistada, numa clara aproximação das ideias demonstrada por Lakoff na década de 1970, o duplo preconceito relacionado ao discurso das mulheres: o de serem desacreditadas ou o de serem ridicularizadas, quando se recusam a falar da forma como se esperava que uma dama falasse na sociedade. Manuela ocupa o centro da bancada do Roda Viva como pré-candidata à Presidência da República, anuncia-se como militante feminista de esquerda, em prol das minorias brasileiras. A estratégia interacional de interrupção de turno e gerenciamento de tópicos discursivos é usada, portanto, no intuito de mitigar a presença da entrevistada e sua figura política, numa clara relação de poder dos entrevistadores, sejam homens ou mulheres, sobre a convidada. Acerca dessa relação de poder é fundamental lembrar que a própria entrevistada mencionou que o machismo, muitas vezes, é proveniente também das mulheres, razão pela qual podemos continuar entendendo a intenção de mitigação do dizer da entrevistada como opressão social de gênero, independente de ela advir de jornalistas homens ou mulheres.

É possível na estrutura conversacional da interação em questão demonstrar uma distribuição de trabalho desigual na construção da conversação, uma vez que, a entrevistada se engajava em uma participação mais ativa ou elaborada de sua resposta, ocorria a interrupção, estratégia que se revelou não como contribuição, mas como controle da interação, numa recusa da posição igualitária da entrevistada enquanto parceira conversacional.

Considerações finais

Conclui-se que há relações de poder totalitário e homogeneizante atribuídas socialmente ao homem sobre a figura feminina e que essas relações abusivas, são projetadas na condução da conversação que caracteriza a entrevista, o que configura um uso da língua em interação de caráter opressor em relação ao gênero feminino, ao mesmo tempo no qual revela um preconceito em relação à defesa das classes sociais menos privilegiadas, representadas no discurso da candidata. Há de se destacar, além disso, que a situação envolve também uma atitude de resistência da mulher entrevistada, revelada na simples apropriação e condução da palavra em interação, nas diversas tentativas de ocupar o espaço de resposta que deveria lhe ser reservado, dada a configuração do gênero entrevista. Essas tentativas envolvem principalmente



a explicitação do desconforto da entrevistada em relação à condução da interação, por meio de comentários e inserções de alerta à quebra de regras de gerenciamento de turno, por exemplo.

Acreditamos que nosso estudo tem potencial para contribuir com as pesquisas em torno das relações de gênero e classe social, principalmente, no Brasil contemporâneo, e seus efeitos discursivos nas interações cotidianas.

Referências

BENTES, A. LEITE, M. (Orgs.). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.

BROWN, G. YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

FÁVERO, L. L. O tópico discursivo. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. 5. ed. São Paulo, 2001, p. 33-54.

FÁVERO, L. L. et al. Interação em diferentes contextos. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q.(Org.). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 91-158.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, D. (Org.) *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1998, p. 153-177.

GALEMBECK, P. T. O turno conversacional. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. 5. ed. São Paulo, 2001, p. 65-92.

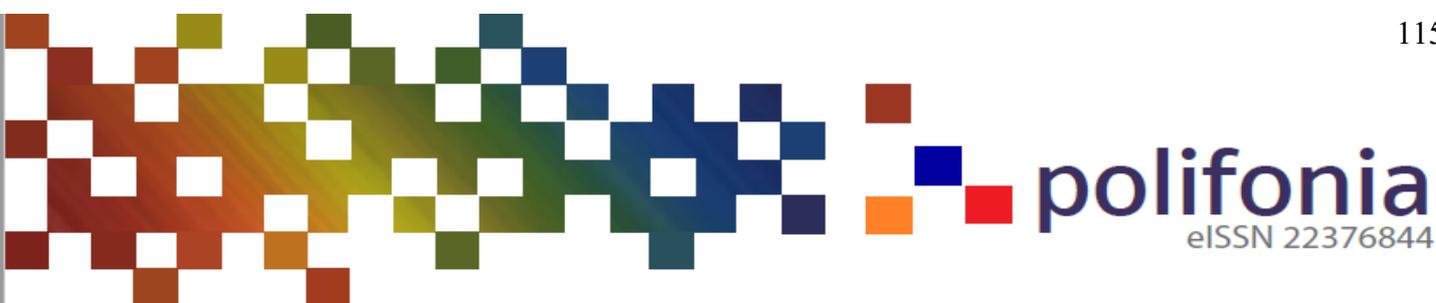
KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução Carlos Felix Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

LAKOFF, R. *Language and woman's place*. New York: Harper & Row, 1975.

MARCUSCHI, L. *Análise da Conversação*. São Paulo: 5. ed. Ática, 2003.

OSTERMANN, A. C. Communities of Practice at Work: Gender, Facework and the Power of Habitus at an All-Female Police Station and a Feminist Crisis Intervention Center in Brazil. *Discourse & Society*, v 14, n. 4, p. 473-505, 2003.

OSTERMANN, A. C. FONTANA, B. (Orgs.). *Linguagem, gênero, sexualidade*. Clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010.



RODA VIVA. *Roda Viva* | *Manuela D'Ávila* | 25/06/2018. 2018. (01h20m06s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GYBfJS-NMTI>>. Acesso em: 30 dez. 2019.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

TANNEN, D. [1990]. “Quem está interrompendo? Questões de dominação e controle”. Trad. de Débora de Carvalho Figueiredo. In: OSTERMANN, A. C. FONTANA, B. (Orgs). *Linguagem, gênero e sexualidade*. Clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010, p. 67-92.